



Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento Geográfico 4

Atena Editora  
2018



2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 4 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):  
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento  
Geográfico; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-81-9

DOI 10.22533/at.ed.819181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária  
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “ *A Produção do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na educação.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia educacional, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com educação, vivência, cultura e relações sociais. A importância dos estudos geográficos educacionais é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PENSAR AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS É PENSAR O ENSINO E O CURRÍCULO DA GEOGRAFIA	
Victor Hugo Nedel Oliveira Miriam Pires Corrêa de Lacerda Andreia Mendes dos Santos	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O LIVRO DIDÁTICO, O LUGAR E O MUNDO	
Marcos Aurélio Gomes da Silva Armstrong Miranda Evangelista	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DO USO DO ATLAS ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Reginaldo Firmo Júnior Raul Reis Amorim	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
PRÉ - VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA.	
André Tinoco de Vasconcelos	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE PÓS- GRADUAÇÃO	
Adilson Tadeu Basquerote Silva Eduardo Pimentel Menezes Rosemy Da Silva Nascimento	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
A VISIBILIDADE DAS TEORIAS RACISTAS NOS CONTEÚDOS DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO PÓS LEI 10.639/03.	
Waldnely Gusmão da Silva Amélia Regina Batista Nogueira	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>60</b>
VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS COM A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Denise Wildner Theves Nestor André Kaercher	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>69</b>
CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS DA II PNERA (1998-2011)	
Rodrigo Simão Camacho	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
CURRÍCULO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ORIENTAÇÕES CURRICULARES E EDUCOPÉDIA NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO	
Renata Bernardo Andrade	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
MOBILIDADE ESPACIAL E OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: ANALISANDO A PENDULARIDADE DOS ESTUDANTES NO NORTE FLUMINENSE	
Jéssica Monteiro da Silva Tavares Elzira Lúcia de Oliveira	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
O CONTEXTO INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DOS MAPAS: PROPOSTA DO CURSO DE CARTOGRAFIA ESCOLAR NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	
Vânia Lúcia Costa Alves Souza Cristina Maria Costa Leite	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>121</b>
EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE: DESTINO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PRODUZIDOS PELOS MORADORES DAS CASAS FLUTUANTES DO LAGO DE TEFÉ E IGARAPÉ XIDARINI-TEFÉ-AM	
Elklândia Gomes da Silveira Eubia Andréa Rodrigues	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>132</b>
A LINGUAGEM DO CINEMA NA GEOGRAFIA OU A GEOGRAFIA NA LINGUAGEM DO CINEMA? DISCUSSÕES E CONCEITUAÇÕES DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NO ENSINO DA CATEGORIA FRONTEIRA EM SALA DE AULA	
Daniel Moreira de Souza	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DO GEOPROCESSAMENTO	
Laira Cristina da Silva João Henrique Santana Stacciarini	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
JEAN PIAGET E EDGAR MORIN FRAGMENTANDO O PENSAMENTO LINEAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CARTOGRAFICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA	
Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva Antonio Carlos Castrogiovanni Ijaciara Barros de Abreu	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>161</b>

## PRÉ - VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA.

**André Tinoco de Vasconcelos**

UERJ- Faculdade de Formação de Professores  
São Gonçalo - RJ

**RESUMO:** O currículo é um campo de disputa entre os diferentes atores da educação e ensino. Pode se encontrar desde quem o veja como um conjunto de conteúdos ideologicamente neutros, até um enredado de saberes e práticas que foram fundados a partir de visões de mundo e projetos de sociedade. Do currículo prescrito ao currículo praticado entendemos que ele está relacionado a saber, poder e identidade. Assim, este trabalho que é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado busca compreender como se apresenta o currículo praticado em Pré-Vestibulares Populares. A análise se deu a partir do ensino e o currículo de Geografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pré-Vestibulares Populares, Currículo, Ensino.

**ABSTRACT:** The curriculum is a field of contention between the different actors of education and teaching. It can be found from those who see it as a set of ideologically neutral contents, to a tangled knowledge and practices that were founded from worldviews and projects of society. From the curriculum prescribed to the curriculum practiced we understand that it is related to knowledge, power and identity. Thus,

this work that is part of the results of a master's research seeks to understand how to present the curriculum practiced in Pre-Vestibular Populares. The analysis was based on the teaching and the curriculum of Geography..

**KEY-WORDS:** Pré-Vestibulares Populares; Curriculum; Teaching

### 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar como movimentos sociais de educação disputam o currículo e o ensino de Geografia. Nossa análise se foca no movimento dos cursos Pré-Vestibulares Populares, eles constituem um campo de ações diversas de educação popular que teve seu auge nos anos noventa, mas ainda hoje é um importante ator na luta pelo acesso à educação pelos grupos populares. Para alcançar nosso objetivo abordaremos parte do debate sobre currículo, então discutiremos como esses movimentos tensionam o currículo a partir do ensino de Geografia praticado em um curso de Pré-Vestibular Popular. Trabalhamos com o curso PJ (Pastoral da Juventude) localizado em Duque de Caxias, RJ. Esse curso surgiu como núcleo da rede Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC).

Assim, a pesquisa discute as questões

referentes ao currículo e ao ensino como objeto de disputa pelos movimentos sociais e o currículo que vem sendo construído em cursos populares, identificando as propostas metodológicas que professores de Geografia vêm desenvolvendo. Como o fazer do ensino de geografia é resignificado no contexto dos movimentos sociais, a partir de suas lutas?

## 2 | EDUCAÇÃO POPULAR, CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA.

Concordando com Silva (2011), currículo diz respeito a saber, poder e identidade. Desde as teorias tradicionais de currículo, ele foi visto como um conjunto de conteúdos a serem ensinados e aprendidos, e a visão que se tinha era de que esses conteúdos possuíam uma neutralidade e uma objetividade. O currículo estava então imbuído de uma visão tradicional de ciência, de que ela seria neutra e detentora da verdade.

O currículo nessas teorias, que ainda hoje é uma visão presente, se trata de um currículo técnico, teoricamente sem intencionalidade. O que teorias críticas e pós-críticas a respeito do currículo vão trazer mais tarde é que nenhum currículo é neutro, todos eles são objetos e instrumentos de poder, os conteúdos ali presentes representam uma concepção de mundo, de conhecimento, de ciência, etc. Portanto não é isento de intencionalidades.

Se currículo é poder, ele é também política. De fato, o currículo é muitas vezes mecanismo de regulação e controle do trabalho docente, controle exercido por secretarias de governo e outros órgãos administrativos da educação. Governos e secretarias determinam quais conteúdos podem ou não podem ser ensinados, nesse processo negam saberes que não consideram necessários e invisibilizam determinadas pessoas e grupos que, assim não aparecem no currículo ou estão lá de forma subalternizada e negativa.

Há outras dimensões da política para além da estatal e do poder, o fazer cotidiano também é política, como em Certeau (1994). Isso também se reflete no currículo, principalmente no currículo praticado, ou seja, quando o professor vai para a prática ele cria meios, táticas para fugir das imposições do poder que rege o currículo.

O currículo é objeto de disputa entre os poderes estabelecidos, como o Estado e outros atores hegemônicos com outros atores sociais. O currículo tradicional, implantado na maior parte das escolas, não abarca as lutas sociais dos povos excluídos e desfavorecidos da sociedade, por isso conforme Arroyo (2011) “novos” atores sociais-movimentos de negros, mulheres, sem-terra, indígenas, etc. lutam hoje também por transformações nos currículos. Ele é uma importante dimensão do campo da política, por isso movimentos como os Pré-Vestibulares Populares o disputam, tendo as lutas sociais que também são políticas e epistêmicas como pauta.

De acordo com Candau (2011), com a maior presença de grupos socioculturais diversos nos cenários públicos as demandas postas são inúmeras, trazidas a público principalmente pelas ações dos movimentos sociais. Como também afirma Arroyo



(2011), eles apontam disparidades, injustiças, preconceitos e discriminações, lutando por igualdade de condições e acesso a bens e serviço, além de reconhecimento. Essas diferenças se manifestam de maneira muito intensa na educação, não que não estivessem ali antes, mas agora tensionam de maneira mais forte, travam embates com as concepções e práticas enraizadas no cotidiano escolar, cujas matrizes pedagógicas clássicas e a própria organização tendem a valorizar o corriqueiro e homogêneo.

Conforme Santos (2007), mais do que pensar e atuar no espaço, a Geografia é conhecer e tomar sua posição no mundo; é pensar sobre o espaço, mas com o espaço e a partir do espaço. Consideramos que o conhecimento geográfico que é conhecimento e posição sobre o mundo é fundamental para o exercício da autonomia dos sujeitos.

Também na geografia, embora compreendê-la como unitária seja importante para não se fragmentar mais homem e natureza, urbano e rural, ensino e pesquisa; é preciso ir além, torna-se necessário que a diversidade dos sujeitos seja reconhecida no currículo de geografia. Conforme Santos (2011):

A produção de um currículo (não só de Geografia, mas escolar) que contemple as diferenças dos alunos sem refleti-las de maneira hierárquica, sob uma roupagem pretensamente universalista, é o primeiro desafio. Com efeito, matrizes universalistas não raro oferecem em realidade, referenciais identitários de posicionalidade hierarquizantes, ao silenciar-se sob o manto da neutralidade em relação a princípios de dominação e exploração que estruturam violências no cotidiano das relações capitalistas. Como pode ser um currículo (e, em particular, um ensino de Geografia) que projete uma igualdade real entre diferentes? (SANTOS, R., 2011. p. 19 e 20)

De acordo com o mesmo autor há diversos trabalhos dentro da linha de ensino de geografia que vêm tentando de modo crítico romper com os currículos tradicionais e o modo como estes representam determinados grupos da sociedade, mas devem ser repensados todos os conteúdos e metodologias, revisando aquilo que os currículos trazem e inserindo discussões ausentes.

Santos (2011) demonstra como o ensino de geografia contribui para reforçar o racismo. A geografia muitas vezes serve para criar ou reforçar identidades geoespaciais que colaboram para a manutenção do racismo, são visões de mundo que se tornaram hegemônicas e são reproduzidas com a ajuda do ensino de geografia. Essas identidades geoespaciais constroem a imagem do outro, o não hegemônico, é o caso de quando se fala em negros, se relaciona diretamente à África, como se fossem todos da mesma localidade.

### 3 | OS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

A grande difusão dos PVPs está ligada ao movimento negro, que no final da década de oitenta e início dos anos noventa colocam a formação universitária como fundamental para seus militantes, com o objetivo de disputar o espaço das universidades

O intuito dos cursos populares é mais do que a aprovação no vestibular, o

movimento visa que os discentes construam conhecimento e reflexões sobre as desigualdades que marcam a sociedade, o racismo, as diferenças de classe. As dificuldades dos grupos subalternizados em ter acesso à educação superior é o ponto que agrega a maior parte dos participantes.

Os PVPs já surgem, portanto marcados por uma contradição de ser um projeto de educação popular ao mesmo tempo em que trabalha para a aprovação dos discentes em um mecanismo que é de exclusão. É uma tensão permanente o embate entre preparo para o vestibular e formação voltada para a construção da autonomia dos discentes. Como esses dilemas políticos vêm aparecendo nos currículos e nas práticas pedagógicas nesses projetos de educação popular? E como essas questões influenciam no ensino de Geografia?

Santos (2006) aponta que a primeira experiência de cursos pré-vestibulares populares no estado do Rio de Janeiro foi a criação de um curso voltado para negros em 1976 organizado pelo Centro de Estudos Brasil-África. Nascimento (1999) – outro autor que estudou o PVNC e também um dos fundadores desse movimento – escreve que em 1986 surgiu o projeto Universidade para Trabalhadores da Associação dos Servidores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, hoje Sindicato dos Trabalhadores em educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SINTUFRJ), em que havia um curso que objetivava auxiliar na formação cultural dos funcionários da UFRJ e seus familiares.

Em seu trabalho, Oliveira (2001) que denomina esses cursos de Movimento de Pré Vestibulares Populares Urbanos (MPVPU), distingue várias experiências de cursos populares em diferentes partes do Brasil. Esses cursos tinham diferentes projetos a respeito do acesso à educação pelas camadas populares, como o curso da Pastoral do Negro criado em São Paulo no ano de 1989, no mesmo ano em que surgiu a cooperativa Steve Biko na Bahia, que também trazia o viés da luta contra o racismo.

Voltando ao PVNC, que foi o movimento que mais serviu de inspiração para tantos outros cursos populares pelo país, de acordo com Santos (2006) assim como o PVNC teve uma intensa velocidade de difusão, foi de um núcleo em 1993 para setenta e sete em 1999, também teve uma grande rapidez na queda do número de núcleos, em 2001 eram 32 núcleos. Porém, o mesmo autor assinala que apesar de ter ocorrido a redução de núcleos, não significava o fim do movimento, mas sim um rearranjo com o aparecimento de novas redes, como o EDUCAFRO, o Movimento dos Sem Universidade (MSU) e uma gama de outros cursos de diversas naturezas, assim aumentando a pluralidade do movimento.

As razões dessa queda no número de núcleos bem como da formação de diversos outros movimentos são várias, porém passa pela própria forma como o PVNC foi construído; esse movimento se formou através de mediações e arranjos entre indivíduos com diferentes perfis de militantes. De acordo com Santos (2006), algumas pessoas que não tinham a questão do racismo como central, mas estavam atentos aos processos de desigualdade educacional se juntam ao primeiro grupo e,

assim, se formam as primeiras grandes diferenças de concepções.

Em sua leitura do movimento do PVNC, Santos (2006) mostra que o ano de 1994 foi de extrema importância, pois ao final do ano já havia quinze núcleos no território fluminense. Outro dado que revela uma característica desses movimentos sociais das últimas décadas, é que a construção do sentimento de movimento se dá no decorrer da implantação desses núcleos, ou seja, ela se dá no fazer do movimento, é a construção da identidade coletiva. O Curso PJ, que analisamos aqui surgiu exatamente em 1994.

A partir do ano 2000, se percebe juntamente com os movimentos originados de ativismos e comunidades, o aumento do número de cursos que nasceram nas universidades.

#### **4 | EMBATES POLÍTICOS E PEDAGÓGICOS.**

O PJ – Pastoral da Juventude, núcleo do PVNC -Pré-Vestibular para Negros e Carentes foi criado em 1994, no centro de Duque de Caxias, esse nome se deve ao fato de que a maioria de seus idealizadores era formada por jovens atuantes na Pastoral da Igreja Católica. Funcionando em um prédio da Catedral de Santo Antônio – hoje Centro Pastoral Frei Willy – de acordo com a Carta de Princípios do PVNC, o Pré-PJ segue uma linha laica e tem como ponto basilar de sua discussão a questão racial.

O objetivo em seu início era além do acesso de negros e carentes ao ensino superior, formar agentes de transformação social conscientes do seu papel histórico, ou seja, militantes autônomos que também divulgariam a ideia do PVNC, formando novos núcleos nas periferias.

Assim o PJ objetivava uma educação antirracista e tinha como objetivo central colocar jovens negros na universidade, para que fossem lideranças nessa luta e levassem adiante as bandeiras do movimento negro. Conforme vimos e como Santos (2006) nos lembra, o movimento do PVNC surge diante de toda uma conjuntura nacional, não se restringindo ao estado do Rio de Janeiro.

Com o passar dos anos, assim como o próprio PVNC, o PJ passa por transformações internas. A coordenação original foi se afastando do núcleo e basicamente aparecia para dar ordens, assim se decidiu pela participação de colaboradores, os próprios professores, alunos e ex-alunos, que realizavam as tarefas do dia a dia. Embora não presentes constantemente, a primeira coordenação que deliberava e impedia muitas vezes a alternância na liderança do curso, e a coordenação chegou a ter por volta de vinte membros.

Dessa forma, o PJ passou por vários momentos de recomposição de sua identidade enquanto movimento. Nesse processo em 2001 o núcleo PJ se desliga do PVNC, passando a ser o Pré-Vestibular Pastoral da Juventude, aumentando o contato com a Diocese de Duque de Caxias. O curso se torna assim modelo para que outros cursos dessa natureza surjam nas paróquias, alguns chegaram a ser criados, mas acabaram em algum tempo. Assim, o processo de repensar seus objetivos e

lutas é constante, já houve, por exemplo, ex-alunos e professores, reconstruindo uma identidade ligada aos princípios do PVNC, ainda hoje a Carta de Princípios do PVNC é utilizada para selecionar perfil de alunos e professores.

Portanto, percebemos na história do PJ, aquilo que Melucci (1999) apontou sobre os movimentos sociais na atualidade. Há uma ampla possibilidade de ações para os movimentos, e as diferentes conjunturas fazem com que esses atores sociais reconfigurem seus posicionamentos o tempo todo.

Assim, nesse intuito de fazer uma análise dos mecanismos de funcionamento, o objetivo era entender como os embates políticos do cotidiano influenciam nas mediações curriculares, especialmente no ensino de Geografia.

Para esse intento entrevistamos coordenadores e professores de Geografia do curso, além de analisarmos documentos e materiais do mesmo. Verificamos que o cotidiano do PJ nos anos 90 era composto de intensos embates políticos e alguns pedagógicos, com várias cisões entre coordenações e professores, houve afastamento em relação ao PVNC e depois reaproximação, esse movimento acontecia devido ao múltiplo pertencimento dentro do curso, havia uma disputa do movimento. Na disciplina “Cultura e Cidadania” se tinha um dos maiores embates pedagógicos, porque aqueles que estavam no curso só pelo voluntariado muitas vezes negavam a dimensão política do curso, forte nessa disciplina e questionavam o tempo dado a ela.

No entanto, ao chegar à última década, as disputas diminuem, não se tem os embates que se tinha antes, no cotidiano do curso se segue o currículo das provas e continuam valorizando as discussões críticas contra o racismo e outros preconceitos, mas não se tem mecanismos que permitem saber como os professores vêm trabalhando, não há muitas reuniões pedagógicas, por exemplo.

Sobre o ensino de Geografia, os professores destacam a busca de uma formação crítica para os discentes e a importância de trabalhar temas como racismo, gênero, classe. Há um foco em metodologias que permitam ampliar a visão que os alunos têm da Geografia, como a interdisciplinaridade e os trabalhos de campo. Por outro lado, não percebemos com nitidez uma mudança nas maneiras de trabalhar os conteúdos, há o fator regulador que é o vestibular e o ENEM, mas, como vimos em Santos (2011) para se quebrar estereótipos e preconceitos, luta travada pelos PVPs, é necessário buscar alterar a forma como estamos trabalhando conceitos e conteúdos, que têm base eurocêntrica.

Como já dito, a busca de uma interdisciplinaridade e a realização de trabalhos de campo são práticas recorrentes em Pré-vestibulares populares e Pré-universitários. Embora sejam metodologias bastante discutidas na atualidade, não são tão presentes em boa parte dos espaços escolares. Assim nos PVPs essas práticas fazem parte das inovações pedagógicas que são testadas nos PVPs e muitas vezes funcionam. O trabalho de campo, além de propiciar aos estudantes saírem do espaço da sala de aula e terem um ensino diferenciado possibilitando uma apreensão maior do espaço geográfico, ele fortalece o espírito de grupo, o que, conforme Santos (2005) contribui



para diminuir a evasão que ocorre especialmente no meio do ano.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, uma série de questões surgiram dessa pesquisa. Os PVPs, após a expansão na década de 90, entraram em um período de diminuição. Ao mesmo tempo em que surgiam experiências de pré-universitários e outros modelos de cursos, constatamos também que os embates entraram em esgotamento quando vários atores deixam de disputar o movimento. Isso também faz cair a oferta desses cursos, os PVPs não são vistos mais como ambientes de fortalecimento político, mais do que uma queda na procura por essas iniciativas, há uma diminuição no oferecimento.

Também dentro da Geografia emergem algumas questões como: a necessidade de repensar um currículo crítico, que questione conceitos e conteúdos com bases eurocêntricas, assim caminhando em direção ao reconhecimento de diferentes sujeitos e da luta contra os preconceitos nos espaços escolares, as teorias pós-críticas de currículo ajudam nisso. Outro campo é o currículo praticado, analisar os embates na prática da Geografia, como se dão as táticas dos professores perante as estratégias e determinações impostas nos diferentes contextos do ensino? Essas são possibilidades de pesquisas posteriores.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011. 374p.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. In: Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011

CARVALHO, José Carmelo Braz de. **Os cursos pré-vestibulares comunitários como espaços de mediações pedagógicas: um diagnóstico estatístico**. In: José Carmelo Carvalho; Hécio Alvim Filho; Renato Pontes Costa. (Org.). Cursos Pré-Vestibulares Comunitários: Espaços de Mediações Pedagógicas. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2005, 288p. p. 23-44.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 418p

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. 352p.

COUTO, Marcos A. C. **Ensino de Geografia: abordagem histórico-crítica** In: Revista Tamoios, julho/dezembro - Ano V, nº 2, 2009

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 154p.

LACOSTE, Yves. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra** [trad. Maria Cecília França] Campinas: Papyrus, 1988. 266p.

MELUCCI, Alberto. **Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia**. El Colégio de México, Centro

de Estudos Sociológicos, México, 1999. 260p.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente; movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2001. 199p.

MOREIRA, Ruy. **O discurso do avesso: para a crítica da Geografia que se ensina.** Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987. 190p.

\_\_\_\_\_, **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica.** São Paulo: Editora Contexto, 2008. 194p.

NASCIMENTO, Alexandre do. **Movimentos Sociais, Educação e Cidadania: Um estudo sobre os Cursos Pré-Vestibulares Populares.** 116f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 1999.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. **Diferentes Sujeitos E Novas Abordagens Da Educação Popular Urbana.** 152f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento dos **Agendas & agências: a espacialidade dos movimentos sociais a partir do Pré-Vestibular para Negros e Carentes.** Rio de Janeiro. UFF, 2006. 350f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pré-Vestibulares Populares: Dilemas Políticos e Desafios Pedagógicos.** In: José Carmelo Carvalho; Hélcio Alvim Filho; Renato Pontes Costa. (Org.). Cursos Pré-Vestibulares Comunitários: Espaços de Mediações Pedagógicas. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2005, 288p. p. 188-204.

\_\_\_\_\_. **De movimentos sociais a políticas públicas: Quinze anos de Trajetória dos pré-vestibulares populares.** In: Renato Émerson dos Santos, Márcia Soares de Alvarenga, Domingos Nobre, Paulo Alentejano. (Org.). Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: Diálogos entre saberes e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Editora DP et Alii, 2010, 242p. p. 85-106.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2011. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica. 158p.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-81-9



9 788585 107819